

ENCAPSULAMENTOS SEMÂNTICOS EM PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Monclar Guimarães LOPES¹
Universidade Federal Fluminense
monclarlopes@gmail.com

RESUMO: esta pesquisa propõe um estudo tipológico dos encapsulamentos semânticos por intermédio das categorias semânticas do Nível Representacional da Gramática Discursivo-Funcional. Paralelamente, este trabalho patrocina uma redefinição do próprio conceito de encapsulamento, na medida em que esse fenômeno pode tanto apresentar dependência contextual quanto ser representado por elemento gramaticalizado. Os dados coletados para a elaboração da análise foram extraídos de oitenta e oito textos do gênero *Crítica de Cinema e TV*, do jornal *Folha de São Paulo online*, no período de agosto de 2008 a janeiro de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: encapsulamento; referenciação; Gramática Discursivo-Funcional.

Esta pesquisa visa à discussão teórica dos estudos da referência – incluindo-a em uma perspectiva mais recente de análise linguística, a *discursivo-funcional* – e à classificação dos encapsulamentos² semânticos – de metafunção ideacional e textual, seguindo-se um percurso semelhante ao de Francis (1994, 2003) para um estudo tipológico das rotulações. A autora, sob uma perspectiva sistêmico-funcional, propôs uma tipologia para as rotulações, dividindo-as em rótulos de conteúdo – de metafunção interpessoal – e rótulos metalinguísticos – de metafunção ideacional e textual.

Uma vez que a linha teórica a que se vincula esta pesquisa elabora seus níveis com base nas metafunções hallidayanas – assim como a linha sistêmico-funcional com que trabalhou Francis (1994, 2003) –, lançou-se a hipótese de que se poderia fazer um estudo tipológico dos encapsulamentos a partir das categorias semânticas do Nível Representacional da Gramática Discursivo-Funcional.

1. A Gramática Discursivo-Funcional

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) constitui uma nova abordagem funcionalista para a análise linguística. Elaborada por Hengeveld e Mackenzie (2006, 2008), tal teoria se diferencia por conceber uma organização descendente da gramática, isto é, ela parte da cadeia mais alta da hierarquia linguística, a intenção do falante, e faz sua análise até o componente de saída, a articulação. Começou a ser esboçada em 1997 por Kees Hengeveld em um texto intitulado *Cohesion in Functional Grammar*, no qual Hengeveld propõe um modelo discursivo com base nas ideias apresentadas no último capítulo de Dik (1997), dedicado ao discurso e às propriedades pragmáticas e psicológicas que um modelo de base discursiva deve apresentar. Depois de algumas versões da GDF, publicadas em diferentes

¹ Artigo elaborado com base em dissertação (de mesmo título), defendida em junho/2010.

² Neste trabalho, defende-se que o encapsulamento é a sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores (KOCH, 2002, p. 94).

revistas e livros³, Hengeveld e Mackenzie lançaram, no segundo semestre de 2008, o livro *Functional Discourse-Grammar. A typologically-based theory of language structure*, que traz uma versão completa e atualizada da GDF.

Uma vez que se trata de um modelo funcional relativamente novo no meio científico, a GDF ainda é pouco difundida no Brasil. Os trabalhos acerca dessa linha de pesquisa têm se concentrado na Unesp de São José do Rio Preto, onde os professores Hengeveld e Mackenzie já ministraram *workshops* e orientaram pesquisas. Com relação às outras regiões, a GDF concentra-se na Europa: Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Dinamarca e, Sobretudo, Holanda, país em que está situada a sede de estudos: a Universiteit van Amsterdam.

Em relação a sua origem, a GDF é uma reformulação do que se vinha chamando de Gramática Funcional Padrão, cuja última versão assume uma nova unidade de análise, o Ato Discursivo, como forma de se tornar um modelo de gramática funcional mais abrangente. Essa nova categoria, que passa a ser a unidade básica de análise da GDF, suscita preocupações no próprio Dik, que enxerga as limitações de seu modelo gramatical orientado para a oração como unidade básica de análise. A partir daí, formula-se uma nova teoria que busca analisar as expressões lingüísticas com base em um contexto discursivo mais amplo, procurando aliar, de forma produtiva, informações contextuais, gramaticais e cognitivas. Aproxima-se, assim, a gramática ao discurso e ao processamento cognitivo. Contudo, é importante ressaltar que, apesar da GDF ser estruturalmente orientada para o discurso, ela não é uma gramática do discurso, mas, sim, um modelo de gramática funcionalista que tenta analisar a influência do discurso nas configurações sintáticas da gramática da língua. Trata-se de uma perspectiva teórica que se aproxima da concepção de linguagem adotada por Traugott (1982) e Traugott e König (1991), que consideram o discurso como um componente da gramática.

Com efeito, segundo Hengeveld (2004), há diversas razões por que a Gramática Funcional deve expandir-se da sentença para o discurso. Há, em primeiro lugar, muitos fenômenos lingüísticos que podem ser explicados somente em termos de unidades maiores que a sentença individual, que, todavia, funcionam como enunciados completos e independentes dentro do discurso, como frases elípticas, exclamações e vocativos. Desse modo, o nome Gramática Discursivo-Funcional se justifica pela ênfase no Ato Discursivo, o que quer dizer que ela não se restringe a orações completas, como afirmado acima.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 02), a GDF pode ser definida mais concisamente como uma teoria que procura entender como as unidades lingüísticas são estruturadas em termos do mundo que elas descrevem e das intenções comunicativas com que elas são produzidas. Assumindo o Ato Discursivo como unidade de análise, o discurso passa a ser, na GDF, o “suporte” das unidades lingüísticas de níveis mais baixos. Enquanto a Gramática Funcional de Dik se inicia com a seleção de itens lexicais, para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração, a GDF inicia-se com a formulação da intenção do falante, finalizando com a realização da expressão lingüística.

2. O Nível Representacional da GDF

Por se tratar de um modelo descendente, a GDF divide-se em níveis hierárquicos, a saber: o Interpessoal (ou pragmático), o Representacional (ou semântico), o Morfossintático (ou gramatical) e o Fonológico (o articulatório). Uma vez que esta pesquisa tem como base apenas o Nível Representacional, não se desenvolverão os outros níveis, até mesmo pela extensão deste trabalho.

³ Para ter acesso a tais artigos, consulte o site do professor Hengeveld, em: <http://home.hum.uva.nl/oz/hengeveldp/>

O Nível Representacional (NR) trabalha, sobretudo, com a função ideacional, isto é, com a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), dado que as unidades no Nível Representacional são caracterizadas pelo fato de que elas *designam*, as diferenças entre as unidades desse nível podem ser estabelecidas em termos de quatro *categorias ontológicas básicas*⁴, ou melhor, *semânticas*, a saber:

a) **Entidades de primeira ordem:** indivíduos. Eles podem ser localizados no espaço e podem ser avaliados em termos existenciais.

b) **Entidades de segunda ordem:** estados-de-coisas. Podem ser localizados no espaço e no tempo e podem ser avaliados em relação a sua realidade.

c) **Entidades de terceira ordem:** conteúdos proposicionais. São construções mentais, que não podem ser localizadas nem no espaço nem no tempo, mas que podem ser avaliadas em termos de verdade.

d) **Entidades de ordem zero**⁵: propriedades. Não podem ser caracterizadas por parâmetros de espaço e tempo e não têm existência independente. Só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade ou à situação a qual descreve. Para exemplificá-las, Hengeveld e Mackenzie (2008) recorrem aos exemplos: “verde”, uma propriedade de entidades de primeira ordem; “recente”, de segunda ordem; “inegável”, de terceira ordem.

Não obstante as categorias semânticas orientem a GDF a propor as unidades do NR, elas não as definem por completo. A relação hierárquica das unidades do NR são: *conteúdo proposicional (p) > episódio (ep) > estado-de-coisas (e) > propriedade (f)*.

Às categorias ontológicas básicas, acrescentam-se as categorias semânticas secundárias, com suas unidades de *lugar, tempo, modo, razão e quantidade*. Ainda no NR, acrescenta-se uma última unidade semântica que trabalha com a metafunção textual: *língua reflexiva*⁶.

3. Análise dos dados

Esta pesquisa teve como objetivo a ampliação e análise dos rótulos de metafunção ideacional e textual propostos por Francis (1994, 2003), somando a essa categoria os encapsuladores de núcleos não-substantivos e submetendo-a às classes constituintes do Nível Representacional da GDF. O aumento do escopo levou-nos à análise de uma classe geral de encapsulamentos, e não só a de processos de rotulação. Concomitantemente, a opção pelo estudo do fenômeno sob o prisma de uma nova teoria guiou-nos a novas perspectivas e classificações.

Apesar da mudança paradigmática, ratificam-se as análises feitas por Francis (1994, 2003) acerca da posição dos rótulos (retrospectivos, prospectivos, retrospectivos/prospectivos), da configuração (avaliativa e não-avaliativa) e da função (interpessoal de um lado ou ideacional e textual de outro). No entanto, têm-se duas ressalvas sobre os estudos da autora em relação a nossa pesquisa: 1) A configuração axiológica e não-axiológica de um rótulo não se dá de maneira localista, isto é, apenas no interior do fenômeno, e de maneira binária. No nosso gênero em análise, em que, declaradamente, deve-

⁴ Além dessas categorias semânticas, ainda existe uma outra de quarta ordem, que se refere aos atos de fala que, localizados no tempo e no espaço, são avaliados em termos de condições de felicidade. No entanto, como ela se refere ao Conteúdo Comunicado do Nível Interpessoal, essa categoria não está destacada aqui.

⁵ É importante ressaltar que as três primeiras categorias foram tomadas de Lyons (1997 apud HENGEVELD E MACKENZIE, 2008) e somente a última foi elaborada por Hengeveld e Mackenzie (2008).

⁶ Para uma abordagem mais aprofundada das unidades semânticas do NR, consulte a dissertação de LOPES (2010), disponível em www.btdt.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-09-16T111637Z-2631/Publico/Monclar%20Lopes-Dissert.pdf

se fazer uma valoração do tópic discursivo, encontram-se encapsuladores não-axiológicos aos quais, através de predicções, atribuíam-se propriedades avaliativas e encontram-se encapsuladores cuja configuração não é claramente definida, como ocorre abaixo, em que o encapsulador **essa convocação**, em nossa perspectiva, tem um baixo grau de avaliação:

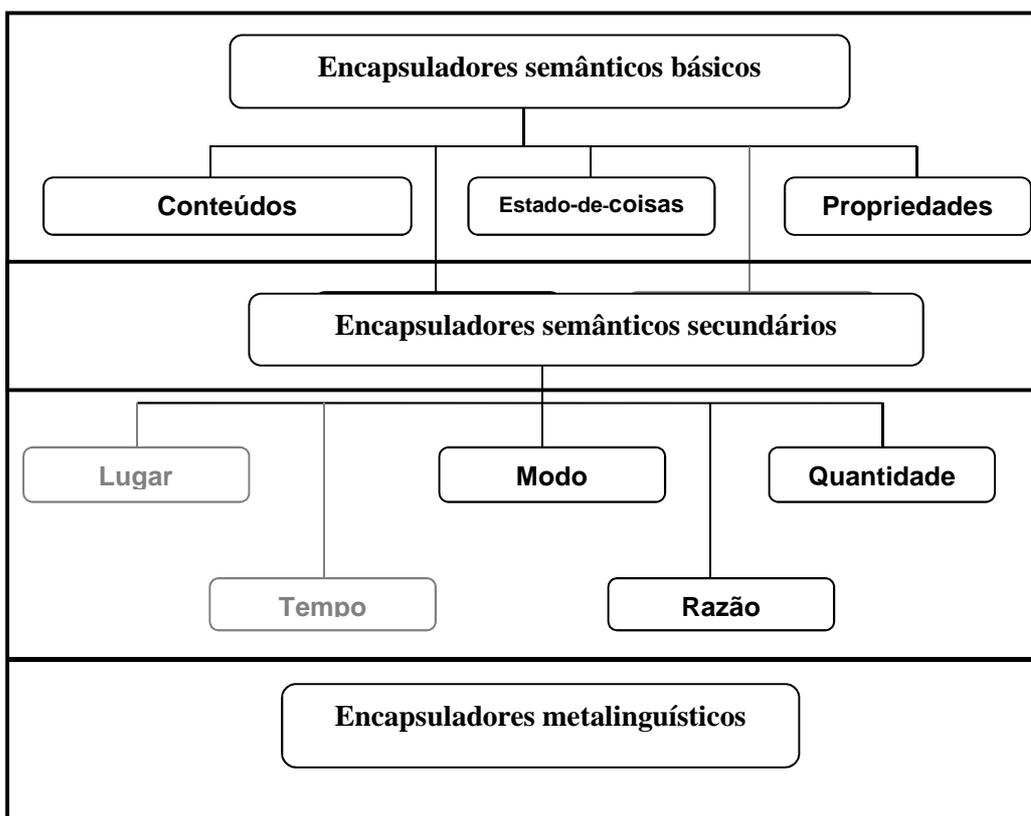
(01) Em 1972 o Brasil, no momento mais duro do regime militar, comemorava de maneira ufanista o Sesquicentenário da Independência. Pouco antes, o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, conclamara os cineastas brasileiros a fazer filmes sobre temas históricos. "Os Inconfidentes" é, por um lado, a resposta marota de Joaquim Pedro de Andrade a **ESSA CONVOCACÃO**. Por outro lado, é uma reflexão ousada e dolorosa sobre as ações e hesitações dos intelectuais em tempos de transformação política. Baseado nos chamados "autos da devassa" e lançando mão fartamente dos poemas dos próprios inconfidentes, o filme retrata com ironia e distanciamento brechtianos o cipoal de intrigas e traições que resultou na revolução abortada e no enforcamento de Tiradentes (interpretado por José Wilker).[...]

Crítica 13 – “Cineasta revisita Inconfidência com ironia”

Folha de São Paulo, 07/09/08

2) Os rótulos/encapsulamentos em si são apenas ideacionais ou textuais (semânticos), embora existam aqueles que fazem remissão a conteúdos do Nível Interpessoal. Tal ponto de vista nos leva a repensar a abordagem de Francis (1994, 2003) ao considerar os nomes ilocucionários como rótulos metalinguísticos. Embora se compreenda a abordagem da autora, uma vez que se decidiu analisar apenas os encapsulamentos que fazem remissão a conteúdos do NR, teve-se de retirar os nomes ilocucionários da análise, pois eles pertencem ao Nível Interpessoal da GDF.

Em nossa abordagem, quanto à função, os encapsuladores do NR foram classificados do seguinte modo:



Quadro 1 – encapsuladores do Nível Representacional

3.1. Encapsuladores Semânticos Básicos

Consideram-se encapsuladores semânticos básicos aqueles que fazem remissão a entidades de zero, segunda e terceira ordens, desde que esses conteúdos sejam representados por predicções ou segmentos maiores de texto, e não por sintagmas nominais. Neste último caso, os conteúdos já possuem estatuto de referentes.

3.1.1. Encapsuladores de Conteúdo Proposicional

São aqueles que capturam (ou inferem) seja a própria atitude proposicional expressa (certeza, dúvida, descrença), seja a sua origem (conhecimento comum partilhado, evidência sensorial, inferência) em uma predicção ou segmento maior de texto.

Apresentam correspondência com os rótulos de processo mental propostos por Francis (1994, 2003) e *costumam ter como núcleos nomes que são usados para projetar pensamentos e ideias ou o seu resultado* (FRANCIS, 2003, p. 208), tais como:

análise, atitude, atribuição, conceito, conhecimento, convicção, crença, descoberta, doutrina, dúvida, filosofia, fundamento lógico, hipótese, idéia, *insight*, interpretação, leitura, modo de pensar, noção, noção falsa, opinião, pensamento, ponto de vista, posição, princípios, suspeita, teoria.

Em (02), o encapsulador prospectivo **dúvida** faz remissão à atitude proposicional expressa pela predicção *teria sido ela, de fato, raptada?*, em que o emprego verbal do futuro do pretérito sugere a própria dúvida.

(02) [...] De resto, a história a contar era muito forte: Bellamy é o sujeito que contrata um grupo de aventureiros para seguir o bando de um rebelde mexicano (Palance) que raptou sua mulher (Cardinale). Existe, por um lado, a perseguição: ela em si é interessante e tensa. Mas existe, sobretudo, **A DÚVIDA**: teria sido ela, de fato, raptada? Entramos num terreno muito frequentado por Brooks: o da liberdade feminina.[...]

Crítica 33 – Faroeste aborda liberdade feminina

Folha de São Paulo, 02/11/08

3.1.2. Encapsuladores de Episódio

São aqueles que fazem remissão a um Episódio, isto é, a uma sequência coerente de texto, onde há unidade ou continuação de tempo, lugar e participantes.

(03) [...]Exemplo mais evidente, mas não único: a cena final de "Otelo", em que Tony estrangula não só Desdêmona, como, ao mesmo tempo, Brita (Signe Hasso), sua ex-mulher □ o público do teatro, e nós também, ficamos em suspense, sem saber em que nível estamos, se no da vida ou no da representação.

Embora **ESSES MOMENTOS** sejam intensos, o fato é que, até a cena de assassinato (sim, acontece um no filme), "Fatalidade" deixa a impressão de que sua maior vocação é para uma magnífica "comédia do

recasamento", dessas que Garson Kanin escreveu com maestria (às vezes na companhia de Gordon) e que Cukor dirigiu com a sensibilidade que se conhece. [...]

Crítica 26 – Filme de Cukor aproxima a vida e o palco

Folha de São Paulo, 23/11/08

Acima, o exemplo (03) encapsula o episódio expresso pelo segmento destacado, transformando-o em tópico discursivo. Tal tipo de encapsulador é muito frequente no *corpus* investigado, sobretudo nos parágrafos que marcam a transição narração-argumentação. Acredita-se que tal recurso de remissão seja favorável ao próprio gênero discursivo em análise, uma vez que um enredo ou parte de enredo torna-se produto a ser avaliado.

Existem nomes típicos que costumam representar núcleos de encapsuladores de episódio, tais como: *acontecimento, aventura, cena, conto, encenação, enredo, episódio, história, incidente, momento, narração, narrativa, ocorrido, relato*. No entanto, além dos nomes, encontram-se elementos de núcleos adverbiais que, embora representados por advérbios de lugar ou de tempo, capturam os estados-de-coisas, o tempo, o lugar e os participantes expressos no episódico, como se vê a seguir:

(04) [...] Em "O Menino Peixe", ela faz a garota de classe média alta Lala, enamorada da doméstica paraguaia La Guayi, que trabalha em sua casa em Buenos Aires. Elas têm planos de morar juntas perto de um lago no Paraguai, mas um assassinato as separa e põe Lala numa viagem de descoberta ao país vizinho.

É **AQUI** que surge o momento fantástico, quando Lala encontra um dos segredos de sua amada, numa cena subaquática realizada com efeitos especiais. A diretora admite que, na mistura de gêneros, foi complicado deixar a sala de edição.[...]

Crítica 73 – Argentina narra fantasia de casal gay

Folha de São Paulo, 01/11/09

Em (04), **aqui** encapsula a sequência narrativa destacada. No início de nossa pesquisa, tinha-se a hipótese de que esses elementos representariam encapsuladores de lugar e tempo relativos, respectivamente. Por *relativos*, quer-se dizer que a referência corresponde a um lugar abstrato ou a um tempo psicológico – isto é, construído no discurso –, em cuja remissão estaria sempre envolvido um ou mais Estados-de-coisas. Contudo, percebeu-se que o recorte feito por tais categorias remetia a todo o episódio. Foi em função dessa constatação que se deixou de incluir, no grupo dos encapsulamentos semânticos secundários, as categorias Tempo e Lugar.

3.1.3. Encapsuladores de Estados-de-Coisas

São aqueles que fazem remissão a um Estado-de-coisas previamente citado no texto, desde que o mesmo já não possua o estatuto de referente, isto é, não seja uma nominalização de verbo. Abaixo, destaca-se o encapsulador **essa última circunstância**, em que a predicação “ser amada” transforma-se em tópico discursivo.

(05) [...] Como não ganhou, temos então um mero "filme de doença", no caso o mal de Alzheimer. O roteiro cerca todas as circunstâncias que tornem a situação explícita, no que tem de particular ou de geral. Fiona não é uma mulher especialmente idosa (de modo que não devemos estabelecer uma

relação obrigatória entre idade e doença). É culta, casada há muitos anos, ama e é amada.

ESSA ÚLTIMA CIRCUNSTÂNCIA é essencial: "Longe Dela" precisa ser uma "love story" para ser engolida pelo espectador. Ela compensa o horror da situação, a saber: a perda progressiva de memória.[...]

"Longe Dela" cativa pela sensibilidade

Folha de São Paulo, 12/10/08

3.1.4. Encapsulamentos Atribuidores de Propriedades

Tais encapsuladores mostram-se bem diferentes das categorias até aqui apresentadas. Na verdade, eles não encapsulam uma propriedade, mas um Estado-de-coisas ou, até mesmo, todo um Episódio, mas lhe atribui uma propriedade.

A princípio, suspeitava-se da não-existência desses encapsuladores. Pensava-se que, na verdade, tratar-se-ia de um encapsulador de Estado-de-coisas ou de Episódio. Não obstante, alguns exemplos de nosso *corpus* nos fizeram constatar que tal categoria não faz remissão direta ao Estado-de-coisas ou ao Episódio. Muitas vezes, inclusive, a sequência à qual o encapsulamento se remete não é claramente delimitável, como se pode confirmar no exemplo abaixo, em que o encapsulador **essa queda** não aponta um segmento específico do texto.

(06) [...] Um pouco depois, "Bananas", de 1971, é ainda mais farsesco. Após se apaixonar por Nancy (Lousie Lasser), o solitário Fielding Mellish (Woody Allen) vai parar na típica republiqueta latino-americana de San Marcos.

De sequestrado pelos rebeldes acaba se tornando presidente. (Ah, como eu gostaria de assistir ao lado do ilustre chefe de nosso país para acompanhar seus sábios comentários futebolísticos sobre presidentes que têm seu poder mensurado pelo que pesam em estrume!) É só um devaneio, como os tantos de Allen, que insere filmetes paralelos -que poderiam ser campeões no YouTube-, como o sonho do judeu crucificado disputando uma vaga de estacionamento e o comercial do cigarro Novo Testamento. Não estão ali à toa, completam as personagens e nos situam na época por meio da provocação. Woody Allen é anárquico, não se compromete com nenhum tipo de poder. Zomba dele com uma barba mais falsa que promessa de campanha eleitoral. Está nos dizendo que só acreditamos no que aceitamos acreditar.

Nessa fase paleolítica, Allen já aponta seu estilo, que vai além de sua figura caricata de baixinho desajeitado com óculos de aros grossos. Casais em diálogos frenéticos apontam o que virá depois, com noivos neuróticos e pessoas curiosas para saber tudo sobre sexo. Divãs de analistas, pais e mães superprotetores não escapam de seu olhar oblíquo. Comediantes têm **ESSA QUEDA** por inverter o olhar.[...]

Crítica 45 – DVDs retomam Allen pastelão

Folha de São Paulo, 11/01/09

No exemplo acima, a referência **essa queda** é apenas inferível, podendo representar a postura anárquica de Allen, que sempre questiona os sistemas e as crenças. Acredita-se que encapsuladores como esse tenham, sobretudo, uma certa dependência contextual, e não somente cotextual, como apontam os estudos de Conte (2003) e Francis (1994, 2003).

Aproximam-se do que Gary-Prieur e Noailly (2003) intitularam *demonstrativos insólitos*⁷, uma categoria em que o destinatário não consegue identificar ou inferir o “referente”. Por esse motivo, defende-se que tais encapsulamentos só podem ser compreendidos através de uma análise discursiva mais ampla, e não apenas através de recursos endofóricos.

3.2. Encapsulamentos Semânticos Secundários:

Há dois grupos de encapsuladores semânticos secundários: 1) aqueles que encapsulam Modo, Razão ou Quantidade expressa em predicacões ou segmentos de textos⁸; 2) aqueles cujos núcleos atribuem a idéia de Modo, Razão ou Quantidade às predicacões ou segmentos de texto que encapsulam. Tratar-se-á desses dois tipos nas seções a seguir.

3.2.1. Encapsuladores de Modo

Podem ser de dois tipos: 1) aqueles que fazem remissão a uma circunstância de modo expressa no texto, encapsulando não apenas o modo, como também o Estado-de-coisas. O que o difere de um encapsulador de Estado-de-coisas é o fato de ser representado por um nome ou advérbio que indica a função de modo, deixando-se, assim, a circunstância em evidência. 2) aqueles que, embora não haja circunstâncias de modo nos conteúdos a que se remetem, encapsulam um ou mais Estados-de-Coisas e atribuem-lhe *ad hoc* tal circunstância. Segue um exemplo:

(07) Malu Mader toma banho, sai do chuveiro, coloca uma calcinha preta, bota de couro, coldre nas costas e dá um beijo no bebê. **ASSIM** dá início a mais um dia. Mas não da atriz carioca de 43 anos, e sim de sua personagem Diana Maciek, de "A Justiceira", que tem lançamento neste mês em DVD.[...]

Malu Mader ataca como matadora

Folha de São Paulo, 07/06/09

Em (07), não há circunstância de modo expressa no trecho a que **assim** se refere. Nesse caso, infere-se que tal circunstância depende mais do discurso, no momento em que a designação é feita.

3.2.2. Encapsuladores de Razão (ou Causa)⁹

Ocorrem da mesma forma que os encapsuladores de Modo, isto é, podem basear-se em âncoras textuais ou não.

(08) [...] O Procurador de Udine, Antonio Biancardi, autorizou nesta quarta-feira o enterro de Eluana Englaro, 38, a italiana em coma há 17 anos e que a família ajudou a morrer nesta segunda-feira (9) depois da suspensão da alimentação e hidratação.

Ela morreu de sede após 17 anos. A autorização da Justiça coincide com a opinião do procurador-geral da Corte de Apelação de Trieste,

⁷ cf. GARY-PRIEUR, Marie-Nöelle; NOAILLY, Michèle. *Demonstrativos Insólitos*. In: CAVALCANTE, M. N.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

⁸ Como afirmado no tópico 1.2., as categorias de lugar e tempo não são encapsuladoras.

⁹ Na GDF, a categoria Razão compreende circunstâncias de causa. Por esse motivo, elucidamos tal circunstância na nomeação

Beniamino Deidda, que afirmou nesta quarta-feira que **a causa** da morte da jovem é compatível com o protocolo médico.[...]

Site JusBrasil - Justiça autoriza enterro de Eluana; Italiana Morreu de Sede

<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/775172/justica-autoriza-enterro-de-eluana-italiana-morreu-de-sede> - acessado em 15/01/10

Em (08), **a causa** faz remissão à locução adverbial *de sede* e ao Estado-de-coisas expresso, isto é, *morrer de sede*.

3.2.3. Encapsuladores de Quantidade

Quantidade é uma categoria que se associa não apenas a sintagmas verbais, como também a indivíduos, isto é, referentes. Por conseguinte, uma vez que o encapsulamento exige, pelo menos, uma predicação a que se faça remissão, só haverá encapsulamentos de quantidade se: 1) houver expressão adverbial no predicado que possa ser encapsulada por nome que expresse essa idéia (p. ex. número, quantidade, frequência); 2) houver elementos gramaticais que façam remissão a um ou mais estados-de-coisas, a cuja função possa ser atribuída idéia de quantidade.

Em todo nosso *corpus*, não houve ocorrências do primeiro caso de encapsulamento – embora se defenda a sua possibilidade –, o que nos levou a construí-lo.

(09) Você sabe que eu viajo várias vezes ao ano e ainda não se acostumou com **tal frequência**?

Exemplo construído.

Acima, **tal frequência** faz remissão à predicação *eu viajo várias vezes ao ano*, elencando a frequência enquanto núcleo encapsulador, daí a sua classificação.

Encontraram-se, no *corpus*, dois elementos gramaticais cujos núcleos faziam remissão a predicções anteriores e representavam a idéia de quantidade, o que nos levou ao segundo caso de encapsulador supracitado.

(10) [...]Quando o filme foi lançado, em setembro de 1958, Newman tinha 33 anos, e Taylor, 26. Apesar de jovens, os dois enfrentam diálogos densos e cortantes do filme com impressionante maturidade. "Nem a vigorosa direção de Richard Brooks nem o provocativo texto de Tennessee Williams apagam o que 'Gata em Teto de Zinco Quente' tem de mais memorável: o duelo entre Elizabeth Taylor e Paul Newman", afirma o crítico da Folha Cássio Starling Carlos, no livro que acompanha o DVD.

O livro traz, **AINDA**, biografias do diretor, Richard Brooks, do dramaturgo Tennessee Williams e um texto sobre a censura imposta à peça e ao roteiro, entre outras informações e curiosidades.

Crítica 48 – "Gata em Teto de Zinco Quente" é próximo filme de coleção

Folha de São Paulo, 09/04/09

Em (10), **ainda** encapsula o segmento prévio de texto e atribue-lhe a idéia de quantidade (*além do que foi citado*).

De todas as categorias do NR, essa é a mais fluida, mais difícil de definir e de menor frequência. A princípio, inclusive, questionou-se a sua existência, pensando que, se realmente havia encapsuladores de quantidade, também deveria haver para outras circunstâncias. Não obstante, ao explorarem-se outros advérbios, percebemos que circunstâncias de tempo e lugar estão previstas em Episódio (como abordamos no tópico 1.2); de modo, meio, instrumento, em Modo; de causa, em Razão; de intensidade e tempo (equivalente à frequência), em Quantidade; de afirmação, negação e dúvida em Conteúdo Proposicional¹⁰. Portanto, confirmou-se que todas as categorias semânticas de uma unidade linguística estão presentes, como muito bem afirmaram Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128).

3.3. Encapsuladores Metalinguísticos

Ao contrário das outras categorias semânticas, esses pertencem à metafunção textual da língua e servem para falar do evento comunicativo em si. Caracterizam, como aponta Jakobson (1971 apud HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 275), a mensagem sobre o próprio código.

Uma vez que a função é metalinguística, optou-se por manter a nomeação e classificação de Francis. Portanto, em vez da classificação *Encapsulador de Língua Reflexiva*, utilizar-se-á *Encapsulador Metalinguístico*.

São representados por duas categorias: 1) nomes que se referem a alguns tipos de atividade linguageira ou aos seus resultados, como *debate, definição, descrição, explicação, exposição, mensagem, pergunta, etc.*; 2) nomes que se referem à estrutura textual formal do discurso, como *citação, excerto, página, parágrafo, passagem, etc.*

(11) [...]Escutamos os argumentos de ambos os lados, mas sempre mantemos a convicção de que o essencial escapa. Ou seja, nunca nos é dito por que esse homem deseja se suicidar. Correu, na época do lançamento do filme, que esse homem seria homossexual, o que configuraria um duplo crime diante da lei islâmica (o primeiro sendo o suicídio).

A **EXPLICAÇÃO** está longe de ser convincente, ao menos à luz do que se vê no filme: Badii surge apenas como um sujeito com um carro em busca de alguém que preste um serviço. Não é do feitio de Kiarostami agitar questões polêmicas, e não porque fuja delas. É que seu cinema funciona como um espelho. Ele nos dá exatamente o que dele recebemos.

Crítica 27 – Essência escapa em "O Gosto da Cereja"

Folha de São Paulo, 16/11/08

4. Contribuições da pesquisa

Considera-se que a interpretação dos encapsulamentos semânticos através do NR apresenta quatro contribuições substanciais para os estudos da referenciação:

4.1. Abordagem mais ampla dos encapsulamentos semânticos

Conforme dito na introdução, a proposta de Francis (1994, 2003) para a categorização dos rótulos semânticos restringia-se a quatro categorias, a saber: *nomes ilocucionários, nomes*

¹⁰ Nessa investigação, analisamos também advérbios menos frequentes, como de *concessão, conformidade, companhia, finalidade, referência*. No entanto, eles representavam ou outras categorias da GDF, ou operadores e modificadores de uma categoria.

de processo mental, nomes de atividades linguísticas e nomes de texto. No entanto, o estudo aprofundado das categorias semânticas possíveis de uma unidade linguística permitiu-nos uma análise mais ampla, que, por sua vez, acarretou uma substantiva modificação das categorias previstas pela autora.

4.2. O papel do contexto

Embora os estudos de Francis (1994, 2003) e Conte (1994, 2003) acerca do encapsulamento representem importantes contribuições para a pesquisa linguística, no que tange a questões de uso da língua, o seu objeto de pesquisa se restringiu à classificação dos encapsuladores cotextuais, isto é, daqueles que tivessem uma clara dependência da superfície textual. Portanto, a despeito das autoras comungarem dos pressupostos teóricos sociocognitivistas interacionistas, seus estudos repousam numa análise que se prende a critérios de ordem lexical e sintática, o que equivale dizer que a preocupação na observação do fenômeno atende mais a aspectos de estruturação e de organização cotextual, o que caracteriza uma visão simplificada para os processos de significação.

Tem-se como pressuposto que a linguagem é um trabalho que envolve atividades humanas, sócio-históricas, que se organizam por meio de textos, os quais não se caracterizam apenas por uma estrutura linguística, mas também por um funcionamento sócio-discursivo. Assim, a construção do texto, tanto em termos de produção quanto de intelecção, assume qualidades que ultrapassam a língua e o discurso, envolvendo processos sociocognitivos como memória discursiva, inferências, analogias e ação reflexiva dos sujeitos.

Desse modo, gostar-se-ia, de, neste trabalho, propor uma ampliação do estudo do fenômeno com base na Gramática Discursivo-Funcional, sugerindo que a âncora de um encapsulamento não se encontraria apenas em uma predicação ou segmento de texto, como também no contexto discursivo-pragmático, como percebemos no exemplo a seguir:

(88) Um pouco depois, "Bananas", de 1971, é ainda mais farsesco. Após se apaixonar por Nancy (Lousie Lasser), o solitário Fielding Mellish (Allen) vai parar na típica republiqueta latino-americana de San Marcos. De sequestrado pelos rebeldes acaba se tornando presidente. (Ah, como eu gostaria de assistir ao lado do ilustre chefe de nosso país para acompanhar seus sábios comentários futebolísticos sobre presidentes que têm seu poder mensurado pelo que pesam em estreme!) É só um devaneio, como os tantos de Allen, que insere filmetes paralelos — que poderiam ser campeões no YouTube —, como o sonho do judeu crucificado disputando uma vaga de estacionamento e o comercial do cigarro Novo Testamento. Não estão ali à toa, completam as personagens e nos situam na época por meio da provocação. Woody Allen é anárquico, não se compromete com nenhum tipo de poder. Zomba dele com uma barba mais falsa que promessa de campanha eleitoral. Está nos dizendo que só acreditamos no que aceitamos acreditar.

NESSA FASE PALEOLÍTICA, Allen já aponta seu estilo, que vai além de sua figura caricata de baixinho desajeitado com óculos de aros grossos. Casais em diálogos frenéticos apontam o que virá depois, com noivos neuróticos e pessoas curiosas para saber tudo sobre sexo. Divãs de analistas, pais e mães superprotetores não escapam de seu olhar oblíquo. Comediantes têm essa queda por inverter o olhar.[...]

Críticam 45 – “Bananas”
Folha de São Paulo, 11/01/09

No sintagma *nessa fase paleolítica*, apesar de percebermos a existência de uma expressão anafórica, até mesmo pela natureza do demonstrativo *essa*, não há remissão ao cotexto. Logo, em toda a sequência do primeiro parágrafo, não encontramos um referente lexicalizado que propicie a remissão através de *nessa fase paleolítica*, o que nos leva à conclusão de que a âncora para tal anáfora não se encontra em uma predicação ou segmento de texto, mas no contexto discursivo-pragmático. Trata-se de um *emprego insólito* como apontam Gary-Prieur e Noailly (2003), em que o contexto discursivo pragmático tem preponderância sobre o cotexto.

4.3.O papel atributivo dos encapsulamentos

Segundo Zamponi (2002), pode-se considerar a dimensão atributiva de um rótulo, isto é, além de ele representar o tema de um novo tópico discursivo, ele pode ter função remática, ao atribuir uma nova propriedade ao segmento encapsulado. *Tal elemento anafórico é simultaneamente um elemento de referência e de predicação, acumulando a função temática e remática ou, como afirma Schawrz (2000), operando uma tematização-remática* (Ibid., p.197).

Tais apontamentos foram feitos no trabalho de Zamponi (2002) ao considerar os rótulos de configuração axiológica, em que, claramente, uma propriedade era atribuída ao segmento encapsulado. Todavia, propõe-se que não somente termos avaliativos implicam atribuição. Como se pôde observar nas categorias semânticas secundárias, por exemplo, existem expressões que, ao mesmo tempo em que encapsulam, atribuem uma propriedade de modo, razão ou quantidade.

4.4.Análise de encapsulamentos de núcleo gramatical

As literaturas vigentes consideram que o encapsulamento é sempre realizado por um sintagma nominal. Inclusive, para Conte (2003, p. 17), o conceito de encapsulamento é o que segue: *um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente de texto*.

No entanto, a nossa pesquisa comprovou que o encapsulamento não se restringe ao sintagma nominal, uma vez que existem palavras gramaticais que desempenham tal função. Por esse motivo, adotamos a concepção de Koch (2002, p. 94), de que *a anáfora encapsuladora é a sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores*, uma vez que é perfeitamente aplicável às categorias lexicais e gramaticais.

4.5. Nem todo encapsulamento advém de uma categoria instável

Embora a perspectiva sociocognitiva interacionista reconheça as práticas de sedimentação das categorias em protótipos e estereótipos, os estudos que conferem instabilidade ao objeto-de-discurso têm estado, fortemente, mais presentes. Crê-se que esse seja um movimento natural dos estudos sobre referência, que, em seu atual estágio, precisa opor-se a uma corrente que vise apenas à estabilidade.

Não obstante, defende-se que se faz imprescindível um tratamento pontual das categorias mais sedimentadas do discurso, pois apenas a focalização de um dos aspectos pode levar-nos a um posicionamento passível de falhas.

Com relação aos encapsulamentos, por exemplo, encontramos, na literatura vigente, definições que apontam para o fenômeno apenas em seu caráter instável, em que o falante,

através de um nome, faz remissão a um segmento de texto previamente expresso. No entanto, encontra-se, na categoria episódio, a existência de nomes encapsuladores que nem sempre apresentam âncoras cotextuais, visto seu alto grau de estabilidade, como o exemplo a seguir:

(89) As únicas imagens documentais de "Vá e Veja" (1985) só aparecem em seus minutos finais. Apesar de o efeito ser notável, esse clássico do filme de guerra não precisaria recorrer a isso para aumentar a catarse antinazista que o orienta quase desde *o início*. Quase, porque a primeira meia hora do filme trata a Segunda Guerra Mundial de longe, como o evento que leva crianças e adolescentes a procurar armas e outros objetos de uso militar escondidos nas areias brancas de uma aldeia na Bielo-Rússia (ou Belarus), república soviética invadida pelos alemães, em 1943.[...]

Crítica 31 – "Vá e Veja" leva poesia a cenário de guerra

Folha de São Paulo, 09/11/08

O nome *início*, destacado acima, é um caso exemplar de encapsulador de episódio. Independente da situação discursiva, *início* representará sempre um encapsulador, uma vez que marca unidade ou continuação de tempo, lugar e participantes de uma sequência coerente de Estados-de-coisas. Inclusive, no exemplo em questão, *início* não faz remissão direta a um segmento do texto, muito embora se descreva uma das situações iniciais do filme.

Em se tratando de nomes encapsuladores, Francis (2003, p. 203) defende a existência de nomes com essa potencial função. No entanto, a autora os analisa mediante a remissão que fazem a predicções anteriores, isto é, submetendo-os sempre ao cotexto. Sob a nossa ótica, a categoria Episódio pode sobrepor-se aos critérios de ordem sintática, uma vez que pertence ao NR, hierarquicamente acima do Morfossintático.

4.6. A configuração dos encapsulamentos não depende da sintaxe, mas do discurso

A princípio, especulamos que a maior parte dos encapsulamentos presentes nas sequências argumentativas de nosso *corpus* apresentaria configuração avaliativa. No entanto, encontramos, um significativo número de encapsuladores não-avaliativos, que só tinham como objetivo transformar um segmento em tópico discursivo. Isso nos evidenciou que a opção por um encapsulador avaliativo ou não-avaliativo em tais sequências não interfere substancialmente no fazer discursivo do texto. A escolha de um encapsulador não-avaliativo não indica que o falante terá uma posição mais neutra em seu discurso, uma vez que a "avaliação" é uma estratégia que não se dá apenas na categorização como também na predicação e nos processos de retomada e remissão de referentes. Esse ponto nos faz refletir acerca do posicionamento de Conte (2003, p. 177) ao afirmar que *o encapsulamento anafórico de caráter avaliativo é um poderoso meio de manipulação do leitor*. Embora não se discorde da autora, acredita-se que a ênfase dada ao nome avaliativo pode levar-nos a subentender que encapsulamentos não-avaliativos não propiciariam uma progressão avaliativa do objeto-de-discurso. Mais uma vez, argumenta-se que um posicionamento sintaticista e localista traria uma visão reducionista do processo de referenciação. A avaliação de determinado encapsulamento não é dada apenas na categorização, mas no decorrer da atividade discursiva. Veja o exemplo:

(90) Se Coutinho já encarava seus entrevistados como "personagens", em "Jogo de Cena" ele dá mais uma volta no parafuso, misturando depoimentos de mulheres "comuns" com falas de atrizes que reproduzem as mesmas histórias narradas por aquelas. Algumas dessas atrizes são muito famosas -

Andréa Beltrão, Fernanda Torres, Marília Pêra-, outras são desconhecidas do público, quase anônimas.

O efeito **DESSE ARDILOSO EMBARALHAMENTO** é deixar o espectador sem chão, em dúvida sobre quais histórias são verdadeiras, quais são inventadas, e sobre quem, afinal, viveu o quê.

Crítica 41 – Coutinho deixa o espectador sem chão

Folha de São Paulo, 07/12/08

Acima, muito embora o núcleo **embaralhamento** já atribua valor axiológico ao encapsulamento, percebe-se o alto valor argumentativo de seu adjunto, **ardiloso**. Se ele fosse retirado do trecho, isso implicaria uma tênue mudança argumentativa. No entanto, se apenas se mudasse a ordem, poder-se-ia ainda contar com a atribuição, muito embora ela já não fizesse parte do sintagma. Veja:

(91) O efeito **DESSE EMBARALHAMENTO** é ardiloso, deixa o espectador sem chão, em dúvida sobre quais histórias são verdadeiras, quais são inventadas, e sobre quem, afinal, viveu o quê.

Tal observação nos leva a defender que a análise da carga axiológica ou não-axiológica de um dado objeto-de-discurso deve ser feita não apenas sob aspectos sintáticos mas também discursivos.

5. Perspectivas Futuras

Nas atuais discussões sobre a relação entre linguagem e realidade, o fator pragmático tem sido imprescindível, especialmente quando se quiser compreender a capacidade de referir-se a algo, num determinado contexto – como sendo também uma capacidade de entender-se a respeito de algo com alguém, com um determinado propósito –, e como isso produz efeitos sobre a *práxis*. Trata-se da referenciação, que, abordada sob o ângulo discursivo-pragmático, permite uma análise mais completa e produtiva da própria linguagem, já que linguagem é ação, é um *modo de vida*, como abordava Wittgenstein (1953 apud ARAÚJO, 2004).

A despeito de tal concepção discursivo-pragmática da língua, esta pesquisa ateu-se ao reconhecimento das categorias semânticas envolvidas nos processos de encapsulamento, isto é, com o aspecto linguístico. Desse modo, aqui, não se tratou nem das categorias pragmáticas dos encapsulamentos nem de uma análise mais argumentativa e retórica do processo de referenciação, mas apenas da taxionomia do NR¹¹. Defende-se que um futuro estudo de tais aspectos seja um bom caminho a ser percorrido. Pensa-se que tanto entender em que dimensão se encontra um encapsulamento, se no Nível Interpessoal ou Representacional, quanto aferir de que forma os operadores e modificadores das categorias previstas pela GDF colaboram na referenciação pode ser um grande auxílio na compreensão do processo de argumentação dos textos.

Também se defende que uma futura análise dos encapsulamentos de caráter mais gramatical possa representar uma boa interseção entre referenciação e gramaticalização, uma vez que, na categoria episódio, percebemos a presença de palavras gramaticais que fazem

¹¹ Trata-se de uma abordagem discursivo-funcional, muito embora isso não descarte a dimensão sociocognitiva. Tratam-se de teorias complementares.

remissão a tempo, espaço e texto concomitantemente, o que parece comprovar a unidirecionalidade e elucidar os aspectos cognitivos que nos levariam a tal princípio lingüístico. O mesmo poderia ser especulado no que tange aos encapsulamentos secundários, uma vez que se apontam categorias gramaticais que funcionam como *proformas* de sequenciação textual, mas que selecionam segmentos disponíveis do discurso, tal qual o encapsulamento prototípico.

6. Considerações finais

A escola ensina os alunos a ler e a escrever orações e períodos e exige que interpretem e redijam textos. Algumas pessoas poderiam dizer que essa afirmação não é verdadeira, porque hoje todos os professores dão aulas de redação e de interpretação de textos. Mas como é uma aula de redação? O professor põe um tema na lousa, pede que os alunos escrevam sobre ele, corrige os erros localizados no nível da frase. A aula de interpretação de texto consiste em responder a um questionário com perguntas que não representam nenhum desafio intelectual ao aluno e que não contribuem para o entendimento global do texto. Muitas vezes, o professor não se satisfaz com os textos e os roteiros de interpretação dos livros didáticos, seleciona algum texto e faz uma bela interpretação em classe. Se o aluno lhe pergunta como enxergar numa produção discursiva as coisas geniais que ele nela percebeu, costuma apresentar duas respostas: para analisar um texto, é preciso ter sensibilidade; para descobrir os sentidos do texto, é necessário lê-lo uma, duas, três, n vezes.

As duas respostas estão eivadas de ingenuidade. Não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes, é preciso mostrar o que é que se deve observar nele. A sensibilidade não é um dom inato, mas algo que se cultiva e se desenvolve.

[...]

A finalidade da apresentação de elementos discursivos é tornar explícitos mecanismos implícitos de estruturação e de interpretação de textos. Quem escreve ou lê com eficiência conhece esses procedimentos de maneira mais ou menos “intuitiva”. Explicitá-los contribui para que um maior número de pessoas possa, de maneira mais rápida e eficaz, transformar-se em bons leitores.

[...]

José Luiz Fiorin¹²

Neste estudo, realizou-se uma análise qualitativa da categorização dos encapsulamentos semânticos – de metafunção ideacional e textual – a partir do exame de textos de crítica de cinema e TV, pertencentes à esfera jornalística e publicados na Folha de São Paulo *online*. Para tanto, tomou-se como base o Nível Representacional da Gramática Discursivo-Funcional, uma vez que ela prevê todos os aspectos semânticos de uma unidade lingüística.

¹² Cf. FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

A pesquisa ratifica a conceituação de encapsulamento como *sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores* (KOCH, 2002, p. 94), mas entende que o fenômeno não se restringe ao sintagma nominal e nem sempre apresenta âncoras cotextuais explícitas, como se pensava anteriormente. Conforme visto no quinto capítulo, há termos gramaticais que, em determinadas circunstâncias, funcionam como anáforas encapsuladoras, assim como há encapsulamento cujo segmento a que se faz referência não se encontra delimitado no texto.

Acredita-se que tal mudança paradigmática nos confirme a não-existência de invólucros pré-destinados a certas funções discursivas, pois, do contrário, significa impor limites aos processos cognitivos, pôr a *função* em serviço da *forma*, é negar a preponderância da *práxis* sobre o uso linguístico.

Há toda uma mudança de perspectiva filosófica na passagem do modelo lógico-semântico para os de cunho pragmático – como a perspectiva sociocognitivo interacionista e discursivo-funcional de linguagem. Sentido, valor de verdade e referência a estado-de-coisa cedem lugar a comportamento, usuário, propósito de fala, situação de emprego. Afinal, como muito bem defendem Mondada e Dubois (2003), a questão não é localizar os objetos do mundo ou verificar a existência de entidades abstratas, mas entender como os sujeitos constroem versões públicas do mundo.

Quanto à função discursiva, confirma-se o consenso de que o encapsulamento seja importante na condução e progressão de um texto, na medida em que traça uma orientação argumentativa para o texto, ao hipostatizar, transformar em tópicos discursivos predicções ou segmentos do discurso, e não referentes já disponíveis, lexicalizados. Crê-se que o reconhecimento, por parte do ouvinte/leitor, de qual segmento do discurso é encapsulado – se uma atitude proposicional, se um episódio, se uma propriedade etc. – possa ser uma ferramenta relevante à análise dos pontos de vista defendidos no texto. Pode-se, por exemplo, constatar que um discurso de outrem é encapsulado, pelo produtor do texto, como dúvida, crença, atitude, muito embora o segmento em si não tenha essa conotação.

Cabe lembrar que, com a linguagem, faz-se muito mais do que nomear. Com um encapsulamento, por exemplo, não apenas se nomeia um segmento discursivo, pois, por trás deste, há a intenção de identificar algo a alguém, um querer dizer, um significar que demanda a leitura do contexto, dos propósitos da fala naquela determinada circunstância. Na verdade, não há objetos discriminados, individualizados em si, com propriedades essenciais, intrínsecas, independentemente de uma conceptualização cultural, linguística, semiótica, como defende a pragmática.

Por fim, de posse dessa concepção da linguagem, refletiu-se, sobretudo, acerca dos leitores em formação de nossa sociedade e ratificamos a fala de Fiorin: *tornar explícitos mecanismos implícitos de estruturação e de interpretação de textos contribui para que um maior número de pessoas possa, de maneira mais rápida e eficaz, transformar-se em bons leitores.*

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Inês.L. *Do Signo ao Discurso. Introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAVALCANTE, M. et. al. (Org.) *Referenciação*, São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.
- CONTE, Maria-Elisabeth. *Encapsulamento Anafórico*. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. (Org.). *Referenciação Clássicos da Linguística*. Vol 1. São Paulo: Contexto, 2003. p.177-190.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

- KOCH, Ingedore G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FRANCIS, Gill. [1994] (2003) Labeling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcolm. *Advances in written text analysis*. 9.ed. Londres: Routledge, p.83-101. Trad. Monica M. Cavalcante et. al.; revisão de Alena Ciulla. In: GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle; NOAILLY, Michèle. *Demonstrativos Insólitos*. In: CAVALGATE, M; RODRIGUES, B (Org.) *Referenciação. Clássicos da Linguística. Vol 1*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 229-249.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- _____. *Functional Discourse Grammar*. In: *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Vol. 4. Oxford: Elsevier, 2006.
- _____. *Cohesion in Functional Grammar*. In: BUTLER, C., CONNOLLY, J., GATWARD, R; VISMANS, R. (Org.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar* (Functional Grammar Series 18). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, p. 1-16
- LOPES, Monclar G. *Encapsulamentos Semânticos em Perspectiva Discursivo-Funcional*. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). UFF, Niterói, 2010.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALGATE, M; RODRIGUES, B (Org.) *Referenciação. Clássicos da Linguística. Vol 1*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- ZAMPONI, Graziela. *Processos de Referenciação: Anáforas Associativas e Nominalizações*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.